



FORA DA CAIXA • SAMY DANA

A ECONOMIA MOVIDA A IDEIAS

Por que a tecnologia se desenvolve mais em alguns lugares do que em outros? As respostas do economista Paul Romer, no *paper Endogenous Technical Change*, publicado em 1990 no *Journal of Political Economy*, ressaltam o papel inovador das ideias nesse processo.

Romer, que foi professor de várias universidades americanas e economista chefe do Banco Mundial, ganhou, juntamente com William Nordhaus, o Prêmio Nobel de Economia este ano. Eles foram escolhidos, segundo a comissão do Nobel, por suas contribuições para o crescimento sustentável de longo prazo da economia global.

Nordhaus, pioneiro no tema das mudanças climáticas, é autor de um modelo computacional que simula como interagem a economia e o clima. É uma contribuição importante para saber o impacto das nossas ações no meio ambiente agora e no futuro. Mas, pelas implicações, o trabalho de Romer oferece a chance de reverter, ao menos em parte, os danos.

Ele descreve que as ideias são diferentes de matérias-primas, trabalho e capital, fatores clássicos de produção. No sistema antigo, quem controlava esses fatores era quem se beneficiava deles, mas hoje vivemos em um mundo no qual existe um quarto fator: as ideias, que geram valor ao circular livremente e beneficiar a todos.

Bens convencionais, como um carro, um celular ou uma TV, têm custo alto de produção, impactam o meio ambiente e ainda perdem valor com o uso. Com as ideias, é o contrário. Quando usa-se *e-mail*, WhatsApp, Google ou um aplicativo de transporte, a plataforma não se desvaloriza.

Além disso, *softwares*, oferecidos de graça ou por um baixo valor, atingem muito mais consumidores.

Não à toa, as empresas mais valiosas do mundo hoje são de tecnologia, com a Amazon e a Apple, que superam US\$ 1 trilhão. Isso é um estímulo para que os mercados e países se voltem mais para as ideias do que para a produção tradicional. E o meio ambiente é beneficiado por essa mudança.

Quando ficaram claros os limites dos recursos disponíveis para crescer, foram subestimadas as chances de encontrar uma alternativa, explorando novas ideias que otimizassem o uso desses recursos. Todavia, Romer mostrou que, quando aproveitadas, essas ideias

moldam a economia — desde que o progresso destas seja permitido.

O desafio das economias é não sufocar as novas ideias com o excesso de regras, regulações e políticas. A inovação em um ambiente assim é bem mais difícil e muitas vezes quase impossível. É um dilema que cerca, por exemplo, a chegada do Uber e de outros *apps* às cidades. Regras nas cidades inviabilizavam o serviço, e foi necessário aprovar novas leis que não limitassem a inovação.

O artigo de Romer sugere que países criem “zona seguras”, cidades ou regiões com regulações mais brandas, permitindo que um novo modelo econômico possa se desenvolver e estimulando a inovação. Hong Kong, por exemplo, cumpriu essa função nos anos 1990. Foi um laboratório para experiências inovadoras chinesas por causa da autonomia da cidade, uma ex-colônia inglesa, em relação ao governo do país.

Com as ideias em primeiro plano, migra-se para um modelo de desenvolvimento sem consumir tantos recursos. É uma base para pensar o que será a economia do século XXI.

UM MODELO DE
DESENVOLVIMENTO
QUE PRIORIZE AS
IDEIAS CONSEGUE
PROMOVER O
CRESCIMENTO
ECONÔMICO SEM
CONSUMIR TANTOS
RECURSOS.